

# O FILÓSOFO PERANTE A CIÊNCIA \*

Ana Luísa Janeira \*\*

---

*A Autora começa falando da Ciência Moderna. Logo, um universo teórico-experimental no caso das ciências exactas e naturais e, sem dúvida, um universo teórico no caso de todas as outras ciências, das jurídicas às humanas e sociais. Por isso, procura reflectir um pouco sobre qual tem sido o posicionamento da Filosofia e do filósofo a partir dos sécs. XV e XVI relativamente a esta novidade que é, de facto, moderna.*

*Evidentemente, antes dessa época também havia aquilo que podemos considerar Ciência; no princípio tudo era Filosofia e esta, com os Pré-Socráticos, já incluía vertentes científicas; depois, com Aristóteles, temos uma figura charneira do posicionamento da Filosofia face à Ciência. Mas, ao ver da A., há uma ruptura epistemológica nos sécs. XV e XVI, com Copérnico e Galileu, que define uma nova forma de fazer Ciência. E é desta que o presente texto fala.*

---

## 1. O UNIVERSO TEÓRICO-EXPERIMENTAL

Talvez seja importante lembrarmos quanto a Filosofia nasce do espanto, de uma posição crítica face ao espanto, e como essa posição crítica é fundamentalmente equacionada em termos de questão. A Filosofia trata de questões. A Filosofia pergunta. Heidegger realça o aspecto do perguntar inerente à actividade filosófica. Em Filosofia fundamentalmente o que fazemos é espantarmos, reflectirmos e questionarmos.

---

\* Como este texto reproduz uma conferência realizada no âmbito do Mestrado de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, optou-se por manter as características do estilo coloquial. Agradeço à Dr<sup>ª</sup> Madalena Fontes o cuidado e a paciência postos na transcrição da fita Gravada.

\*\* Ana Luísa Janeira é Professora Associada com Agregação em Filosofia das Ciências no Departamento de Química da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Rua Ernesto de Vasconcelos, Bloco C1, 5<sup>o</sup> andar  
1700 Lisboa.

É evidente que tem havido uma certa Filosofia marcadamente especulativa, e a palavra “especulativa” é derivada de “espelho”: a Filosofia especulativa é nomeadamente aquela onde o sujeito se dobra e desdobra sobre si mesmo numa atitude de quem se vê ao espelho. Mas, essa posição especulativa por vezes tem dificultado um posicionamento face à Ciência, como iremos ver.

Gostaria também de lembrar que a Ciência, um universo teórico com uma vertente experimental a partir nomeadamente dos sécs. XV e XVI, tem uma posição basicamente formalizante, lógica e depois uma aplicabilidade relativamente à própria Natureza. É importante distinguirmos, em Ciência, entre um fenómeno natural, aquilo que aparece, é visível, é perceptível por via dos dados sensoriais e, por outro lado, outro aspecto bem diferente, que é o do facto científico, que é sempre algo que existe no interior da própria teoria científica. O fenómeno da Natureza é algo que é percebido, que é captado por via sensorial; a Ciência transforma e constrói, com base e por vezes ao arpejo dos fenómenos naturais, o que nós poderemos chamar o facto científico.

E aqui também me parece importante distinguir entre dois aspectos, que são a experiência e a experimentação. A Ciência Moderna trabalha, fundamentalmente nas ciências experimentais, com experimentação; ao passo que a experiência é muito mais do âmbito da vivência, que nós percebemos, vivemos, ou interiorizamos no decurso do nosso diálogo com a Natureza.

E eu invoco isto com muito prazer no Brasil, porque me parece que na História da Ciência Brasileira e na História da Ciência Portuguesa no Brasil muitas vezes tem havido um equívoco muito grande, que resulta de não se ter percebido que os portugueses tiveram o grande condão de ser capazes de deixar um conhecimento literato, um conhecimento livresco, quando encontraram o Novo Mundo, mas que não houve propriamente experimentação. O que houve foi uma actividade de experiência, a capacidade de receber, de facto, um conjunto de dados e de informações deslumbrantes que o Novo Mundo lhes apresentava, e pelos quais sentiam uma grande sedução, a nível da fauna, da flora, incluindo fenómenos astronómicos, sensações geográficas e até antropológicas. Mas não algo que tivesse a ver com o conceito moderno de experimentação.

Por outro lado, é também importante vermos que a Ciência Moderna pressupõe uma formalização e a intervenção de uma lógica formal na sua própria construção. No entanto, o que os portu-

gueses tiveram no contacto com o Novo Mundo e o Oriente foi, de facto, uma capacidade grande de descrever fenómenos naturais, vivências e fenómenos antropológicos com os quais eles se deparavam, mas não houve nunca uma formalização lógica. Por isso, a sua participação na criação da Ciência Moderna foi relevante em termos de ciência náutica, da ciência astronómica e da ciência geográfica, mas não podemos dizer que no âmbito dos outros aspectos das ciências nós tenhamos tido um papel tão importante.

Disse eu que os filósofos questionam e os cientistas põem problemas. Fundamentalmente, a actividade científica é em torno de problemas. A questão leva à necessidade de pensamento e de reflexão em torno de si mesma, mas nós sabemos que em Filosofia, a maior parte das vezes, perguntar não leva propriamente a uma resposta. Ao passo que, no âmbito da Ciência Moderna, encontramos-nos face a problemas e a tentativas de solução.

Acontece que a relação entre Filosofia e Ciência nem sempre se tem traduzido num diálogo muito claro e harmonioso; muitas vezes tem sido, outrossim, um monólogo ou aquilo a que podemos chamar uma “conversa de surdos”. Evidentemente, podemos evocar algumas figuras mestras da Filosofia Moderna e Contemporânea que, pela sua maneira de estar, se integraram na cultura do seu tempo, e se mantiveram intimamente relacionadas com a Ciência de então. É o caso de Leibniz, Husserl e muitos mais. Entre Leibniz e Husserl, por exemplo, temos a figura charneira de Kant, cujo pensamento se encontra profundamente ligado à física newtoniana.

Embora as figuras maiores da Filosofia Moderna e Contemporânea nunca tenham descurado a Ciência, é verdade que nem sempre estiveram intimamente relacionados com a Ciência do seu tempo mas, pelo contrário, estiveram em reacção. Penso que esta reacção do filósofo em relação à Ciência Moderna passa por alguns medos, que eu mais tarde tentarei evocar.

Mas antes disso, queria chamar a atenção para Descartes, que é um caso curioso. As pessoas muitas vezes têm alguma dificuldade em perceber o relacionamento de Descartes com a Ciência; eu própria o senti por vezes. Em relação por exemplo, à História da Ciência em Portugal deparei-me com uma pergunta: por que é que Descartes dificultou a introdução do pensamento científico de tipo newtoniano?

Supomos muitas vezes que a personalidade de Descartes, figura fundamental no começo da Filosofia Moderna, terá abarcado e se terá integrado na ciência do seu tempo. É verdade, mas a nível fundamentalmente da geometria. Descartes é um homem perfeitamente a par da matemática do seu tempo e, como sabemos, até criou ele próprio um tipo de geometria. Mas, reparem, é ao nível do pensamento formal e ao nível da matemática e da geometria. Do ponto de vista físico, Descartes permaneceu fortemente limitado, na medida em que permaneceu ligado a certas concepções antiquadas. E daí que, quando se pôs o problema da implementação da física newtoniana, os centros mais ligados ao cartesianismo reagiram e tiveram dificuldades. No caso concreto de Portugal, o pensamento cartesiano, começou a ser relativamente integrado por alguns conimbricenses, mas como eles permaneceram ligados a uma geometria e a uma matemática desse tipo isso não facilitava, do ponto de vista da física, a entrada ou abertura para o pensamento newtoniano.

Leibniz, por sua vez, é um filósofo que tem um diálogo forte com a escola newtoniana e é um pensador muito curioso, porque tem muita dificuldade em aceitar o conceito absoluto de espaço e de tempo. E daí que, todo o diálogo entre os discípulos de Newton e de Leibniz seja fundamentalmente um “diálogo de surdos”, uma polémica difícil de aguentar, precisamente porque poderá ser considerado um pensador mais avançado, se atendermos a que o relativismo de Einstein vem retomar a idéia de um espaço e um tempo relativo, e não com vectores absolutos como no caso de Newton.

## 2. RELAÇÕES ENTRE FILOSOFIA E CIÊNCIA

Embora possamos equacionar as problemáticas da relação entre Filósofo e Ciência numa perspectiva histórica, e é isso que eu até agora fiz, acho bastante mais interessante saltarmos desta perspectiva para aquela que nos pode implicar mais directamente.

Liga-se a televisão, abre-se um jornal, contacta-se com qualquer obra de ponta e verificamos que o séc. XX é fortemente marcado por uma ciência avançada e uma tecnologia tão poderosa que entra no nosso quotidiano e, ao mesmo tempo que nos fornece grandes hipóteses de avanço, também nos fornece limitações para a nossa sociedade.

Por que será, então, que, sendo esta a situação, a maior parte dos Departamentos de Filosofia, um pouco por toda a parte, ainda não encarou a Ciência como um objecto digno de ser pensado e reflectido?

Eu não conheço muito bem a situação do Brasil, mas conheço-a o suficiente para saber as dificuldades dos meus colegas brasileiros que se dedicam à História e Filosofia das Ciências. Não são unicamente os Departamentos de Filosofia que têm problemas, mas é disso que estamos a tratar e a situação brasileira não é muito diferente da portuguesa, da francesa, da inglesa, ou norte-americana. Estou informada do que se passa para vos dizer que isto é uma situação bastante generalizada.

Vou falar um pouco da situação portuguesa no que ela tem de comum à brasileira. Este aspecto comum é fundamentalmente a força que o positivismo teve, quer em Portugal, quer no Brasil. O positivismo foi, em Portugal, o grande sistema ideológico do republicanismo, nos princípios do século e a presença desta corrente de pensamento no Brasil foi tal que a própria abandeira o demonstra. Embora hoje se possa dizer que há poucos positivistas em Portugal, e talvez também não haja muitos no Brasil, a verdade é que o positivismo deixou uma marca. Para percebermos essa marca, e fundamentalmente porque quando se reagiu contra o positivismo com “a água do banho também foi a criança” (e isto foi grave), vou começar por resumir algumas das suas linhas mestras.

O positivismo foi a corrente filosófica do Séc. XIX que melhor traduziu a segunda Revolução Industrial e o estado científico que a propiciou. Por conseguinte, é uma Filosofia bem situada no seu contexto cultural e veio lembrar-nos algumas coisas importantes: o gênero humano, no decurso da sua própria história, percorre um processo de desenvolvimento. Chamo a atenção que em Comte, que é fundamentalmente de quem estou a falar, não temos o conceito de evolução, embora tenhamos os conceitos de desenvolvimento e de progresso. Como lembra Canguilhem, ele foi fortemente adepto de um conceito de desenvolvimento do gênero humano, mas isso não equivalia a defender uma idéia evolutiva do gênero humano; defendia isso sim, com muita força, o conceito de progresso. E teve a feliz preocupação de pensar, face às outras ciências que trabalham com leis e se diziam científicas porque eram capazes de produzir leis, que talvez no âmbito das ciências sociais se pudesse enunciar algo que fosse semelhante a essas leis. Como

sabemos, enunciou a “lei dos três estados”. Só que “estados” não significava, como modernamente admitimos no processo científico, situações críticas, crises, rupturas. Para Comte havia uma certa continuidade entre o estado teológico, o estado metafísico e o estado positivo. Desenvolvimento humano, por um lado; uma lei que permite explicar esse desenvolvimento, por outro. Tudo isto porque, a razão humana é capaz de progredir e o seu progresso atingiu no séc. XIX, um momento particularmente feliz por ter sido possível criar uma actividade da razão humana onde o saber era capaz de prever; e do saber, que é prever, podia resultar um poder.

E aí vemos a ligação que a Ciência teve sempre com o poder, desde o princípio. Não se pense que é um fenómeno recente os Estados, Governos, chefes ou partidos políticos manejarem todas as formas de poder. Isso é antigo. A Ciência surgiu servindo o poder ou contra o poder mas nunca, como se disse durante muito tempo, como neutra. A Ciência não é neutra, pois nenhuma actividade humana o é. Há sempre um empenhamento. A Ciência é algo que está sempre de um lado ou de outro.

Mas, voltando ao positivismo, verificamos que este pensamento, que foi muito importante no séc. XIX, criou, de facto, grandes dificuldades no séc. XX. Augusto Comte foi um homem perfeitamente capaz de perceber a ciência do seu tempo, só que a ciência mudou. E é natural que tenha mudado. Não podia, mesmo que tivesse uma grande capacidade de previsão, prever toda a evolução da ciência posterior. Todavia quando me deparo com um público de Filosofia, tenho a sensação de que essas pessoas têm uma visão da ciência muito marcadamente positivista ou profundamente anti-positivista. Ora nem a posição positivista nem a anti-positivista nos dão a realidade da Ciência actual. Esta actualmente não é positivista, mas tem no seu passado uma fase positivista.

### 3. REAL E REALIDADE

Isto leva-nos a entrar num campo onde é fundamental para a Ciência a intervenção da Filosofia pois os filósofos, têm um legado, uma tradição conceptual que pode ajudar a melhor perceber a Ciência e ser muito útil aos cientistas.

Eu digo sempre, em momentos como este que tenho o privilégio de estar numa Faculdade de Ciências; estou perfeitamente consciente de ser, de facto, um privilégio. Nunca senti que a Filo-

sófia da minha formação fosse inoperante; sinto, com muita felicidade, que a Filosofia é fundamental no mundo científico actual e, por outro lado, sinto como temos realmente uma tradição capaz de ajudar imenso a Ciência. Em contrapartida, evidentemente, temos também a aprender muito com os cientistas.

É incongruente continuarmos a manter um complexo de inferioridade, achando que vale mais a pena ir para Física e Matemática do que fazer um curso em Filosofia. Assim, estamos sendo completamente dominados por idéias relacionadas com o mercado de trabalho, que até se percebem mas, não é por aí que passam as questões. A verdade é que o mundo actual precisa imensamente de filósofos, de formação em Filosofia, mas depois é preciso saber utilizar essa formação, saber convencer a sociedade actual de qual é o papel do filósofo. Eventualmente, não será apenas o de ensinar Filosofia, mas também o de intervir em vários outros níveis da sociedade. Deixarei este assunto para a mesa-redonda, que concluirá este ciclo de conferências porque penso ter algumas idéias acerca do papel da Filosofia na sociedade.

Gostaria, contudo, de chamar à atenção para dois conceitos que acho fundamental distinguir e que, se formos capazes de os diferenciar junto dos cientistas, estes lucrarão e, por outro lado, seremos capazes de rever o nosso posicionamento face à Ciência; são os conceitos de realidade e real.

Eu entendo por realidade, a nível da Filosofia e da Ciência, algo relacionado com a distinção que eu fiz atrás entre fenómeno natural e facto científico. A realidade é fundamentalmente aquilo que eu apreendo por via sensorial.

A realidade desta sala, neste momento, é um conjunto de objectos, de pessoas que eu apreendo por várias sensações, por várias percepções que, inclusivamente, passam pelo auditivo e fundamentalmente pelo visual. Mas não é com isto que o cientista trabalha até ao fim. O cientista começa por trabalhar com a realidade mas, quando a realidade é integrada em modelos teóricos, num formalismo lógico-matemático, essa realidade é transformada no interior da ciência, por conseguinte, o cientista acaba por produzir, não uma imitação da realidade, mas algo de novo, o real.

Evidentemente, com um exemplo isto parece muito mais simples. Por muitos conhecimentos que tenhamos de Ciência, o que nós vemos é o Sol a girar à volta da Terra. Ninguém vê a Terra a orbitar em torno do Sol. Por via perceptiva, conhecendo ou não o

heliocentrismo, o que nós vemos é o Sol a girar a volta da Terra. Mesmo o físico mais avançado não pode dizer o contrário! Por conseguinte, o geocentrismo é uma concepção que corresponde à via das nossas percepções. Contudo, a partir de Copérnico e Galileu, o geocentrismo, que deriva de uma tradição clássica, é posto em causa e nós entramos na era do heliocentrismo. A Ciência, nos sécs. XV e XVI, ao pôr de parte o geocentrismo e ao propôr o heliocentrismo, construiu um modelo que explicava a estrutura do universo de uma forma muito mais perfeita que no geocentrismo e ao arripio da percepção. A Ciência, na generalidade dos casos, caminha e produz ao arripio do que as sensações nos fornecem como informação. Por conseguinte, empírica era a ciência aristotélica.

Infelizmente, muitas vezes, quando se explica Galileu ou Copérnico, têm-se tendência a apresentá-los como figuras que repetiram exactamente aquilo que viam ou percepcionavam. Nada disso! Platão teve um papel importantíssimo na formação e na definição do sistema de Galileu, precisamente porque lhe forneceu instrumentos lógicos e matemáticos que lhe permitiram afirmar não precisar da experimentação. Não se sabe exactamente se ele subiu ou não à Torre de Pisa mas, se tal aconteceu não foi porque precisasse da experimentação para ter segurança nas suas afirmações teóricas, mas sim porque teria uma maneira de convencer aqueles que eram contra a sua concepção da queda dos graves.

#### 4. FILOSOFIA, CIÊNCIA E INTERDISCIPLINARIDADE

Como temos visto, a Ciência é muito mais filosófica do que nós imaginamos e, por isso, todos os grandes cientistas que avançaram na sua própria reflexão se encontraram a fazer Filosofia. Um caso indiscutível de um comportamento desta ordem é Einstein. As obras mais avançadas do ponto de vista teórico de Einstein têm uma conotação filosófica grande. Por conseguinte, o problema está nas medianias e infelizmente, nem sempre somos gênios, nem lidamos com gênios e daí que, fundamentalmente o que encontramos são filósofos e cientistas repetitivos e reprodutivos. Nem todos nós conseguimos avançar no sentido da criatividade, quer em Ciência, quer em Filosofia e, conseqüentemente, temos muita dificuldade em perceber como funciona a criação nestas duas áreas.

A maior parte reproduz sistemas filosóficos já existentes, ensinando-os ou tentando reflectir sobre eles e aprofundando-os um

pouco mais. Por sua vez, os cientistas, na generalidade dos casos, repetem certas experiências ou ensinam de uma forma reprodutiva e não produtiva nas suas aulas. Mas, quando nos abeiramos da actividade criativa, inovadora, revolucionária, em Ciência ou em Filosofia, de facto, não podemos deixar de considerar que, como atitude de fundo, o cientista criador e o filósofo criador não são assim tão diferentes. E, por isso, é extremamente lamentável que estejamos tão longe uns dos outros e com tanto medo uns dos outros. Eu acho que parte dos medos que o filósofo tem em relação ao cientista, ou da Filosofia em relação à Ciência, resulta de não estarmos devidamente informados sobre a actividade científica actual, no sentido da actividade criativa da Ciência actual. E achamos que a Ciência é fortemente materialista, ou fortemente empirista, ou fortemente realista enquanto que a Filosofia dominante tem sido espiritualista, idealista e racionalista. As próprias escolas têm tendência a vincular esta vertente dominante e achamos que as outras são vertentes menos dignas da História da Filosofia, e mais próximas da expressão científica moderna.

Outro dos problemas é o medo que temos de ser absorvidos pela Ciência que é, indiscutivelmente, a expressão humana mais bem sucedida; nomeadamente, temos a tecnologia para nos provar a aplicabilidade da Ciência. Se perguntarmos às pessoas que nos indiquem um índice de progresso humano, imediatamente darão como exemplos a tecnologia e a técnica. Qualquer dirá: “é indiscutível que a Ciência é produtiva”!

Nós, que temos uma tradição maravilhosa, mas que não se traduz num produto “palpável” ou de aplicação tecnológica, podemos saber quanto a Filosofia é um componente fundamental do processo histórico da Humanidade. Contudo, isso não significa que tenhamos produzido ao longo dos tempos intervenções humanas e sociais muito visíveis. A comunidade filosófica mundial tem que ser capaz, de facto, de perceber qual é a sua natureza e o lugar exacto onde tem de intervir. E não achar que, teria de obter um sucesso idêntico ao dos cientistas ou uma produção igual.

Acho extremamente discutível, por exemplo, um título como este: “A Filosofia como Ciência de rigor” de Husserl. A Filosofia não tem nada que ser Ciência e, se andar a reboque da Ciência, está perfeitamente condenada. O que é necessário é conhecer muito bem a especificidade da Filosofia e termos segurança na metodologia ou nas metodologias filosóficas, de modo a não termos medo

de trabalhar objectos que não são tradicionalmente filosóficos. Penso que tradicionalmente filosóficos são os objectos metafísicos e éticos. Mas, não quero dizer que outros não possam ser trabalhados pela tradição filosófica. Somos detentores de uma tradição que pode ser profundamente importante e respeitada, se for capaz de anexar aos objectos tradicionais outros objectos, segundo uma abordagem filosófica. E é aqui que reside, a meu ver, o grande desafio da Ciência Moderna. A Ciência está aí, esperando ser interrogada pela Filosofia; os cientistas estão aí, muitas vezes esperando, também. Posso dizer-vos que tenho quase quotidianamente a consciência deste facto. Muitas vezes acontece com alunos, colegas, pessoas de outras Faculdades do mundo científico, que se abeiram de mim no sentido de me perguntarem se, por acaso, relativamente àquilo em que estão a pensar, àquelas dúvidas que estão a ter, ou àqueles problemas que se lhes deparam, a Filosofia não terá nada a dizer. E verificamos que, há por vezes bloqueios, dificuldades e impasses na Ciência de natureza filosófica.

Gostaria de dar um exemplo, em relação a isto, que é importante. A teoria da evolução apetrechada com um mecanismo explicativo para a seleção natural, só aparece com Darwin. Todavia, anteriormente as pessoas não eram fixistas, porque fossem pouco inteligentes, dogmáticas ou limitadas.

O Fixismo era, até ao séc. XVIII, um pensamento próprio para explicar a situação das espécies. E por quê? Porque a dimensão tempo, só aparece no séc. XIX. Vou dizê-lo de uma outra maneira: só o séc. XIX soube pensar o tempo sem ser sob a influência de uma comparação com o conceito de eternidade. Sempre que se pensava o tempo, pensou-se como sendo um conceito, uma categoria diferente da de eternidade, e não num contexto de contingência. Por isso, volto a repetir, não se podia deixar de se ser fixista, o normal era ser-se fixista. A grande diferença de Darwin é que apostou em pensar o tempo de uma outra maneira. E, na medida em que passou a pensá-lo, não sob a influência do conceito de eternidade, mas integrando no tempo a contingência dos seres vivos, percebeu que a teoria fixista já não explicava alguns dos exemplares que ele descobriu, inclusive no Novo Mundo.

Como sabemos, Darwin teve o privilégio de uma viagem que lhe facilitou a evolução no contexto do seu pensamento. Não se pode dizer que Darwin tenha saído fixista de Inglaterra e tenha sido evolucionista no decorrer da viagem. Não! Ele era uma pessoa

que tinha recebido uma formação fixista mas, evidentemente, era um inquieto e foi nessa qualidade, e inclusive como rebelde, que foi escolhido para ir no Beagle. Mas, simultaneamente, poderia ter feito a viagem e não e ter percebido absolutamente de nada. Aparentemente sim, porque estava roído por algumas das inquietações que faziam com que certos cientistas e, no caso concreto, ele próprio, achassem que havia muitos fenômenos que o fixismo não explicava. De facto, quando vê os bicos dos tentilhões e as carapaças das tartarugas nas Ilhas Galápagos, rende-se à evidência de que o fixismo não pode explicar aquilo. Mas, Darwin já saíu de Inglaterra com uma disponibilidade para ser evolucionista e, por isso, foi capaz de o ser.

Reparem que a maior parte destas afirmações posso garantir-vos que não poderiam ser feitas sem a intervenção da Filosofia. Por que é que ainda se continua a falar do evolucionismo de Lamarck? Muitos livros de Histórias da Biologia, ou de Biologia propriamente dita, falam dele. Ora, só a Filosofia pode, fazendo intervir a história do conceito de tempo relativamente aos secs. XVIII e XIX, explicar porque Lamarck por exemplo, ficou num transformismo, mas não chegou ao evolucionismo, porque as categorias mentais do Séc. XVIII permitiram a revolução da passagem do fixismo ao transformismo, mas não do transformismo ao evolucionismo. Era precisa uma ruptura para que se chegasse à definição da teoria da evolução. Este é um exemplo proveniente da Biologia, mas podemos dar um exemplo de uma outra área.

Um caso curioso, que talvez vocês não saibam, mas que é interessante verificar, é que, quando Lavoisier escreve uma das suas obras mais revolucionárias na definição da química moderna, evita falar de todos aqueles seus contemporâneos químicos ou alquimistas. Coloca-se numa posição auto-confiante e auto-suficiente relativamente ao mundo da química e da alquimia do seu tempo. Mas, é extremamente curioso o facto de ele falar de uma única pessoa, citando um nome e descrevendo uma situação que poderia resumir assim: "tudo o que eu consigo pensar de novo na Química, fui buscá-lo a Condillac". E então, verificamos que o próprio Lavoisier está perfeitamente consciente de que, se é capaz de ser uma figura tão fundamental na definição da Química moderna, isso foi possível porque foi influenciado pela Filosofia. Todavia, nem sempre os cientistas explicitam de uma forma tão clara a influência que a Filosofia teve neles.

Mas eu penso que, se eles não são capazes, cabe a nós defendermos a nossa parte e, então, face à obra de um cientista, será extremamente interessante que saibamos compreender o seu pensamento filosófico, fazendo a explicitação daquilo que não está explícito.

Todos nós, cientistas e filósofos, podemos lucrar, principalmente se formos capazes de nos mantermos numa posição inter-disciplinar. Não é possível que o filósofo se coloque diante da Ciência de uma forma positiva, não traumatizante e realmente produtiva, se não se colocar numa posição “inter-disciplinar”. A exigência primeira para um diálogo, hoje em dia, entre a Ciência e a Filosofia, é o reconhecimento por ambas as partes da importância da inter-disciplinaridade. A única forma de se trabalhar em equipe entre cientistas e filósofos, é numa posição inter-disciplinar. Isto é, não é possível Filosofia perante a Ciência ou Filosofia com a Ciência sem haver inter-disciplinaridade. Esta é a garantia de que nenhuma das disciplinas vai ser dominante. E, embora eu defenda com muita força o diálogo entre a Ciência e a Filosofia, não é para que qualquer delas seja dominante. Eu diria ser fundamental termos a noção de que há que inverter a árvore do conhecimento da tradição filosófica, em que as raízes ou a cúpula do saber são a Filosofia. Temos de inverter completamente esta imagem na nossa cabeça para sermos capazes de dialogar com os cientistas. E por quê? Porque é fundamental que nos ponhamos ao mesmo nível, sem permitir sermos dominados, mas também sem pretender sermos dominantes. E isso, a meu ver, pressupõe uma formação inter-disciplinar, contudo, como ela não existe, pois a inter-disciplinaridade é muito mais um ideal do que uma realidade, a maior parte das vezes acabam frustrados os filósofos ou os cientistas.

Concluindo, para não haver frustração no diálogo entre a Filosofia e a Ciência é fundamental ter-se como ideal, e como projecto a inter-disciplinaridade.